

Ficção, escrita, leitura

Samira Murad¹

QUAL A RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E LEITURA, PRODUÇÃO E RECEPÇÃO? Como pergunta Hans Robert Jauss, a produção determinaria todo o conjunto da atividade estética ou “a recepção, ainda que subordinada à produção, não seria uma condição anterior a uma compreensão do texto”²?

Ao propor uma relação de interdependência entre a produção e a recepção, Jauss defende que as teorias da escrita, como a crítica genética, e as teorias da leitura, como a estética da recepção e a teoria do efeito estético, assumam sua complementaridade, não apenas num sentido temporal (isto é, a crítica genética termina sua análise no momento em que a estética da recepção a inicia), mas, de maneira mais interna, pois, lembra o crítico alemão, “mesmo quando se trata dos fatos da escrita, a análise genética já reencontra aí como que uma inscrição das condições de recepção: elas fazem parte da constituição de um sentido”³.

Apesar desta defesa da complementaridade entre escrita e leitura, realizada por Jauss no final dos anos de 1980, ainda é possível notar, em alguns contextos, um descompasso entre os estudos da produção e os da recepção. Para compreender como esse descompasso foi construído e a razão de sua persistência, será preciso retomar, em primeiro lugar, alguns dos principais aspectos das principais teorias da leitura literária e da ficcionalidade para, a seguir, nos debruçarmos sobre as razões pelas quais o estudo da escrita, realizado no âmbito da crítica genética, manteve-se afastado dessa discussão. Na terceira parte deste texto, será proposto um caminho que integre, no estudo da escrita, aspectos de algumas dessas teorias da leitura.

No que consiste a leitura de um texto literário?

Como se sabe, nos estudos literários, a importância do leitor e da leitura começou a ser investigada de maneira mais sistemática a partir dos anos de 1970. Críticos na Alemanha, Itália, França e Estados Unidos, entre outros, começaram a colocar o problema da leitura literária no centro do debate teórico, alterando o paradigma da teoria e da crítica literárias dos estudos sobre o autor para os estudos sobre o leitor e/ou a leitura.

Nesse universo de representações da leitura do texto literário, o discurso sobre a percepção do texto literário foi de particular relevância. Mas qual é a representação da leitura nessas teorias da percepção do texto?

De maneira bem esquemática, para Umberto Eco, o texto literário é um “mecanismo preguiçoso”⁴, composto de não ditos, espaços em branco ou interstícios semânticos que devem ser “preenchidos” pelo leitor, a partir de seu conhecimento linguístico e de mundo, num processo análogo ao proposto no âmbito da linguística textual.

Já para Wolfgang Iser, a percepção literária é um processo que depende não apenas da relação do texto com os sistemas de representação de mundo e da própria literatura aos quais o texto faz referência, mas também da organização interna desse material, que se dá por meio das justaposições entre as diversas perspectivas textuais.

¹ Samira Murad é doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Trabalhou como pesquisadora na USP, com financiamento Fapesp (Pós-doutorado, 2012-2015) e atualmente, é professora na Universidade Federal do ABC. Email: samira.murad@gmail.com

² “La réception, bien que subordonnée à la production, n’était pas cependant une condition préalable à une intelligence du texte”. JAUSS, H. R. “Production et réception: le mythe des frères ennemies”. In: HAY, L. (org.) *La naissance du texte*. Paris: Jose Corti, 1989, p. 163. Salvo menção ao contrário, todas as traduções são minhas.

³ “Même quand elle a affaire aux faits d’écriture, l’analyse génétique y rencontre déjà comme une inscription des conditions de la réception : elles sont parties prenantes de la constitution d’un sens”. JAUSS, H. R. Op. cit., p. 167.

⁴ ECO, U. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 37.

Assim, para além dos não ditos ou espaços em branco semânticos propostos por Eco, para Iser, a leitura de um texto literário depende não apenas da percepção do material externo referido no texto (que funciona como pano de fundo sócio-histórico e de gênero para esta percepção), mas, principalmente, de sua organização interna.

Como dito, essa organização interna toma a forma de perspectivas que se justapõem, tais como as perspectivas do narrador, dos personagens, do leitor fictício (ou narratário) e das ações da intriga. Em conjunto, esses dois níveis (material externo e organização interna) produzem uma experiência de leitura tal que, ao seu término (pois a leitura só se dá por etapas) leva à construção de um sentido (provisório) vivenciado pelo leitor. Dito de outro modo, a percepção do texto literário durante o processo de leitura é compreendida como a atualização daquilo que Iser denomina “negatividade do texto literário”, isto é, “o elemento não formulado do texto [...] tudo aquilo que ainda não foi compreendido”⁵. Implícita, a negatividade seria, portanto, aquilo que move a imaginação do leitor em seu processo de interação com o texto.

Dessas considerações sobre a percepção do texto, Iser, em *O Fictício e o Imaginário*, deriva uma relevante teoria da ficcionalidade. Novamente, de maneira bastante esquemática, podemos dizer que, para Iser, longe de ser o oposto da realidade, como o conhecimento tácito desses dois conceitos supõe, a ficção seria mais bem entendida se fosse pensada a partir da tríade “real, fictício, imaginário”. Para ele, a relação da ficção com a realidade não é mais de oposição e sim da “preparação de um imaginário”⁶. Essa preparação depende das características do ato de fingir (seleção de material externo e organização deste material no texto) que é operado pelo autor do texto e, posteriormente, atualizado pelo leitor. Assim, para além das questões de representação literária, é a natureza performática do texto literário, isto é, aquilo que o texto faz no mundo, que é colocada em evidência.

Vemos, com isso, que as preocupações da teoria literária passaram não apenas pelos problemas da percepção do texto literário pelo leitor, como, incorporando essas questões, terminaram por alterar a própria representação da natureza e do funcionamento da ficção. Entretanto, como veremos a seguir, essa discussão teórica teve muito pouco impacto na construção do discurso da crítica genética em seu momento de surgimento e consolidação.

A crítica genética e a escrita

Paralelamente às teorias sobre a leitura do texto literário, também nos anos de 1970, surge a crítica genética na França. Naquele momento, as considerações sobre a leitura ainda não haviam impactado, de forma importante, a teoria literária. Isto talvez possa explicar a ausência de questões relacionadas com a leitura e a ficcionalidade na crítica genética, em seu momento inicial. Entretanto, mesmo quando as teorias da leitura e da ficcionalidade passam a ocupar um lugar importante no debate teórico, as questões da crítica genética continuam passando ao largo do debate, pois, qualquer consideração possível de ser realizada nessa direção foi ativamente afastada durante o esforço de delimitação do escopo da disciplina.

É o que podemos observar num artigo publicado em 1994 por Louis Hay. Respondendo às críticas que a crítica genética vinha sofrendo no âmbito francês, Hay busca enfatizar a especificidade da disciplina explicando que: “uma vez que esses documentos insólitos [os manuscritos] não atestam uma forma e sim um movimento, eles devem ser interrogados pelo lado da produção do texto e não por seus efeitos de leitura”⁷.

⁵ “As far as literary texts are concerned, negativity is the structure underlying the invalidation of the manifested reality. It is the unformulated constituent of the text. As far as the reception of the text is concerned, negativity is that which is not yet been comprehended”. ISER, W. *The act of reading*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1984, p. 229.

⁶ Idem. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996, p. 13.

⁷ “puisque ces documents insolites n’attestent pas une forme, mais un mouvement, ils doivent être interrogés sur la production du texte et non sur ses effets de lecture”. HAY, L. Critiques de la critique génétique, *Genesis*, Paris, n.6, Jean Michel Place, 1994, p. 16.

Elegendo como objeto de estudo o movimento, isto é, as mudanças entre versões, que são observadas nos manuscritos, o método da crítica genética implica uma alteração de rumo em relação ao que vinha sendo feito pela crítica literária:

ao invés de se confrontar a um texto, de interrogar uma obra sobre seus efeitos de leitura, os estudos genéticos buscam captá-la em seu momento de engendramento, buscam compreendê-la por meio de seu devir, buscam abarcá-la na plenitude de suas significações possíveis.⁸

Isso ocorreria porque a ordem da leitura não é a mesma da escrita. Dito de outro modo, as considerações sobre os efeitos de leitura estariam excluídas das análises genéticas por dependerem da ordem final (ou forma) do texto apresentado para a publicação e, portanto, para os leitores, uma vez que essa ordem, essa forma, não seria a mesma que se observa nos manuscritos.

Este afastamento da leitura do escopo da crítica genética reaparece no esforço de diferenciação entre a crítica genética e a filologia – novo aspecto da delimitação do escopo da disciplina durante seu amadurecimento institucional.

Em face das críticas que acusa(va)m a crítica genética de ser apenas uma nova vertente da prática filológica, geneticistas como Jean-Louis Lebrave explicam que, apesar da crítica genética e a filologia terem como objeto de pesquisa o manuscrito, a primeira lidaria principalmente com os manuscritos modernos enquanto a segunda lidaria com os antigos e medievais. Assim, apesar da mesma denominação de “manuscrito”, esses objetos seriam diferentes. E esta diferença seria decorrente de uma mudança material fundamental: a invenção da imprensa. Esse fenômeno tecnológico teria instaurado “um corte radical entre dois universos separados [...] [isolando] a esfera privada do *scriptor* e da atividade de produção [...] [do] domínio público dos destinatários, leitores múltiplos de um texto sempre idêntico”⁹.

Assim, a partir do momento em que há a possibilidade de realizar cópias impressas e idênticas de um mesmo texto, os manuscritos modernos teriam um novo estatuto: eles seriam documentos privados e, portanto, sem leitores, enquanto que os manuscritos medievais seriam públicos. Reforçando essa distinção entre público e privado, Lebrave lembra que “os papéis que a gênese do texto deixa sob si, não pertencem ao mesmo espaço que o texto [...] por sua própria definição, eles não são objetos de comunicação”¹⁰. Não sendo objeto de comunicação (o que coloca, para a crítica genética, o problema ético da publicação dos manuscritos), a análise genética deveria excluir qualquer reflexão sobre os efeitos de leitura, um dos problemas centrais da crítica e da teoria literárias.

Quando essas preocupações da crítica genética de extração francesa encontram, no Brasil, um solo de pesquisa diverso, algumas das balizas que vimos acima começaram a ser alteradas.

Uma delas é justamente a negação da existência de um efeito na leitura dos manuscritos. Claudia Amigo Pino, por exemplo, argumenta que, apesar de os manuscritos modernos serem originalmente documentos privados e, portanto, sem leitores, quando esses documentos são doados a uma instituição de preservação cultural como a Biblioteca Nacional da França, eles acabam adquirindo outro estatuto (que talvez pudéssemos nomear de estatuto do monumento) o que, por sua vez, cria as condições para esses materiais produzirem efeitos estéticos nos pesquisadores-leitores. Daí a importância de entendermos o manuscrito não apenas como índice de um processo temporal de escrita no qual os enunciados que aparecem ali bastam a si mesmos, mas, ao contrário,

⁸ “au lieu de se confronter à un texte, d’interroger une œuvre sur ses effets de lecture, l’étude génétique cherche à saisir dans le mouvement qui l’a engendrée, à la comprendre à travers son devenir, à l’embrasser dans la plénitude de ses significations possibles”. Ibidem, p. 19.

⁹ LEBRAVE, J. L. “Crítica genética – uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia?”. IN: ZULAR, R. (org.). *Criação em Processo*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 110.

¹⁰ Ibidem, p. 111.

como uma rede na qual os enunciados são compreendidos em conjunto com “o que acontece fora deles [...] como são também discursos de instituições (por exemplo, a literatura, a escrita como tecnologia, a pesquisa em crítica genética, etc)”¹¹.

Essas considerações são o ponto de partida para a retomada do problema da leitura no âmbito da crítica genética, uma vez que não escondem nem a presença e nem a importância do pesquisador-leitor.

Abertas as portas para uma reflexão sobre as relações entre a leitura literária e escrita, neste artigo, para além do problema do impacto estético do manuscrito e da importância do pesquisador-leitor no estudo da escrita, buscamos especular sobre outra perspectiva que parece fundamental para os estudos genéticos: a inscrição das condições da leitura nos fatos de escrita.

Entre escrita e leitura – uma nova perspectiva

Uma nova maneira de relacionar a escrita e a leitura está na investigação da construção dos efeitos que, potencialmente, podem ser experimentados na leitura do texto publicado. Como vimos acima, a objeção mais comum a esse tipo de análise depende da ideia de que a temporalidade da escrita, tal como observada no manuscrito, é diferente da temporalidade de leitura, isto é, da forma do texto publicado.

Ora, em primeiro lugar, não é porque a temporalidade de escrita não é a mesma da leitura que não há, no manuscrito, datiloscritos ou roteiros, a busca dessa temporalidade de leitura, isto é, a busca da forma. Como explica Roberto Zular “a produção escrita está ligada à construção de um processo de leitura”¹². Partindo da colocação de Umberto Eco, segundo o qual “o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo”¹³, Zular defende que a construção da temporalidade da leitura depende da reorganização dos vários atos de escrita em uma sequência distinta da sua produção inicial, de modo que essa reorganização “constitui a forma que será atualizada [...] pelo ato de leitura”¹⁴. Por meio da retomada da análise genética de um poema de Walt Whitman realizada por Paul Zweig, Zular defende que é justamente o surgimento da forma que deve ser considerado na análise genética, o que implica que a observação das rasuras no manuscrito não pode ser realizada de maneira meramente descritiva e/ou mecânica, mas deve, idealmente, mostrar quais dessas mudanças são significativas para o surgimento da forma.

É justamente a discussão da construção da forma que permite pensar a construção de seus efeitos potenciais de leitura, pois se Eco está correto em afirmar que o texto é um “mecanismo preguiçoso” que depende do leitor (isto é, de seu conhecimento da língua, seu conhecimento de mundo) para funcionar, quando nos interessamos pela construção da forma, devemos analisar o manuscrito não apenas do ponto de vista do trabalho do escritor, mas também de seus efeitos potenciais. Isso me parece fundamental na compreensão do texto literário, da estética e/ou processo de criação do escritor, uma vez que a forma, de maneira ampla, deve ser compreendida em todos os seus aspectos, aí incluídos, como vimos, o que Iser denomina negatividade.

Para deixar mais claro como é possível realizar uma análise genética levando em conta a emergência da forma do ponto de vista dos efeitos potenciais de leitura por ela desenhados retomo a análise que Philippe Lejeune¹⁵ faz do processo de criação de *W ou le souvenir d'enfance*, de Georges Perec, pois essa análise trata justamente dessas duas questões: a forma (macroestrutura) do texto e os efeitos potenciais de leitura que dela emergem.

¹¹ PINO, C. A.; ZULAR, R. *Escrever sobre escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 44.

¹² *Ibidem*, p. 79.

¹³ ECO, U. *Op. cit.*, p. 37.

¹⁴ PINO, C. A.; ZULAR, R. *Op. cit.*, p. 79.

¹⁵ LEJEUNE, P. *La mémoire et l'oblique*. Paris: P.O.L, 1991.

Como se sabe, *W ou le souvenir d'enfance* de Georges Perec é uma autobiografia não tradicional na qual capítulos ficcionais (que contam a história do personagem denominado Gaspard Winckler) são alternadas a textos autobiográficos nos quais o escritor relata algumas de suas memórias de infância e/ou, na ausência dessas memórias, reconstruções sobre sua infância a partir de relatos de parentes mais velhos.

Estudando os manuscritos desse livro tão peculiar, que dá uma nova direção ao gênero autobiográfico, Philippe Lejeune percebe que o texto, escrito em momentos diferentes da vida de Perec, não tinha essa composição dual. O plano inicial para sua arquitetura incluía não apenas a alternância do texto ficcional e do texto autobiográfico, mas uma terceira parte explicativa, na qual o escritor daria ao leitor a chave da justaposição dos textos.

Entretanto, uma série de impasses na escrita levou o escritor, ao final de um longo processo, a optar pela eliminação dessa terceira parte. Com essa (macro)rasura, surge a forma definitiva do texto que, como vimos, justapõe a narrativa ficcional e a narrativa autobiográfica que produz um efeito particular na leitura do texto: a inferência da relação entre suas partes. Por isso, o corte que Perec realiza no projeto é visto por Lejeune como uma “restrição de leitura”, isto é, como uma forma que não apenas supõe, mas estimula a participação ativa dos leitores, por meio de, como dissemos, inferências sobre as razões da justaposição.

Cumprir notar que a questão da forma não se restringe apenas ao plano macroestrutural de que trata Lejeune. As etapas de redação de um texto também podem ser examinadas em relação ao problema da leitura e do leitor, uma vez que podemos pensar a construção das perspectivas e /ou sua justaposição como forma de “desenho” do percurso da leitura também em escala microestrutural.

Um exemplo disso pode ser observado em Proust. Para entendermos a construção do efeito, isto é, o desenho de um percurso de leitura, mas, desta vez, no nível de um parágrafo, analisaremos a redação final de um trecho fundamental para a construção de um sentido para o texto na experiência de leitura de *Un amour de Swann*: o primeiro encontro entre Swann e Odette.

Como explica Anthony Pugh¹⁶, Proust escreve uma primeira versão de *Un amour de Swann* nos cadernos 22 e 69. Mas, depois de completar o datiloscrito de “Combray”, Proust retoma essa história nos cadernos 15 a 19, com o objetivo de produzir uma versão que possa ser datilografada.

Nesse trabalho de reescrita, Proust mantém alguns aspectos da história de Swann que já haviam aparecido nos cadernos 22 e 69. Um desses aspectos mantidos é o fato de que, na primeira vez que Swann encontra Odette, ele não a acha bonita. Essa ideia inicial é então reescrita duas vezes no Caderno 15¹⁷, uma primeira vez no fôlio 3 rº e uma segunda vez no fôlio 2 vº, para, finalmente, figurar na primeira datilografia do romance. Apresento abaixo a transcrição diplomática do fôlio 3 rº do Caderno 15:

¹⁶ PUGH, A. *The growth of A la recherche du temps perdu*. Toronto: University of Toronto Press, 2004, vol. II, p. 424.

¹⁷ PROUST, M. Cahier 15, NAF 16655.

Cahier 15, f^o 3 r^o

restés à illuminer f 232
à numérotter 233

Mais tandis que chacune de ces liaisons, ou toute au moins
de ces flirts, avait été la réalisation plus ou moins complète
d'un ^{caprice} ~~désir involontaire~~ causé par un visage ou un corps qu'il
avait ^{spécialement, +} ~~involontaire~~ sans le vouloir, trouvé charmants, ~~les premières~~
^{en revanche} ~~fois où il avait me avait ren~~ dans le loge dans d'un de ses camarades
^{elle lui était apparue} ~~où il avait rencontré Odette, il ne l'avait pas trouvé jolie, ou~~
^{avait} ~~du moins du genre de beauté qui non pas sans beauté, mais du genre~~ d'un
de beauté qui lui était indifférent, qui ne lui inspirait au-
^{répulsion} ~~cun désir, presque même une légère dégoût, de ces femmes du type~~
^{qui différents pour en} ~~opposé à celui que q comme chacun de nous a les siens~~
^{différents pour chacun, et} ~~qui étant opposé du type que nos sens réclament,/. et avec~~
^(sont) ~~qui nous nous ne faisons la cour que par sans sincérité, pas vanité,~~
~~ou par esprit d'imitation, ou par nécessité.~~ Elle lui avait
^{lui demander à} ~~ensuite écrit pour venir voir ses collections et il av elle lui~~
avait parlé de sa maison, du plaisir qu'elle aurait à y re
venir et du regret d'y rester si peu, ~~comme si elle~~
^{de lui comme/} ~~de s'il avait été pour elle quelque chose d' autre que~~
^{parlait lui} ~~en semblant établir entre les/urs deux personnes une sorte~~ plus
^{que les autres êtres qu'elle} ~~de rapprochement romanesque qui l'avait fait~~ qui l'avait fait
^{connaissait et} ~~sourire,/. et qui l ne s'était pas effacé de son esprit. H~~
~~avait pensé à elle, il avait se~~ Mais quand elle était
venue la même sorte de peau trop rose et
bouffie qu'il n'aimait pas lui avait ~~causé la' même~~ impression
~~que la première fois~~ du premier soir, un peu effacée par l'ab-
sence. Et cependant ~~elle semblait~~ [ill] en lui par
sa manière de lui parler, d'avoir l'air de considérer des autres
amis comme une [ill] plus* autres* de lui, de souhaiter qu'
il disposait de sa vie, elle éveillait en lui un désir d'
amour. H H ~~avait envie~~ Il regrettait que le corps ^{visage}
qu'elle ~~aurait à lui offrir ne fut pas celui qu'il avait~~
^{en- si jamais ils s} ~~choisi~~ lui montrait pendant qu'il causait, le corps qu'il sentit

O trecho que nos interessa está na primeira parte do fôlio, começando na frase “Mais tandis que” e terminando no fragmento rasurado “non pas sans beauté”. Como dissemos, nos cadernos 22 e 63, que trazem uma primeira versão de *Un amour de Swann*, Proust já havia decidido que, na primeira vez que se encontram, Swann não acharia Odette atraente. Na reformulação que observamos no Caderno 15, o que parece estar em jogo é a exata condição do encontro (isto é, onde ocorre e quem apresenta os dois) e os detalhes da percepção da aparência física de Odette por Swann.

Rejeitando o resultado do fôlio 3^o (que explica que o encontro ocorreu em um camarote de teatro de um dos antigos camaradas de Swann), Proust reescreve o fragmento no fôlio 2^o, isto é, no verso do fôlio precedente, como era seu costume¹⁸. Apresento, a seguir, a transcrição diplomática do fôlio 2^o:

Cahier 15, f^o 2 v^o.

+
en revanche
quand un soir au théâtre
quand il fut présenté à
Odette par un des ses amis
d'autrefois

soir au théâtre, un
quand un de ses camarades lui' avait fait connaître Odette
comme une femme q' qui se laisserait peut-être avec qui
amis
il pour quand un de ses camarades, qui lui avait parlé d'elle
Odette comme d'une femme avec qui il pourrait peut-être arriver
à quelquechose mais en la lui représentant, pour comme plus diffi
cile qu'elle n'était en réalité, afin de faire paraître plus précieux P
le pré le service qu'il lui rendait, elle apparut à
Swann non pas sans beauté +
certes

des cœurs, que
○ Mais ce rapprochement, cette union, qu'o èt qui est
moins exigeant
Pidé le but dans la jeunesse à faire à l'âge où elle a cessé pour
il il
nous d'être ce qu'elle est dans la jeunesse, le but vers lequel tend
nécessairement l' amour, lui reste par association d'idées tellement uni qu'il
peut en être la cause. On commence l'amour comme certaines
à son tour
maladies par la seconde période en sautant celle du désir physique

¹⁸ De maneira geral, Proust escreve apenas nos fôlios de frente, deixando as margens e os versos do fôlio precedente para acréscimos e reescritas de trechos rasurados.

- déjà un peu désabusé et [ill]
- Mais à l'âge ~~moins exigeant, où ce rapprochement des cœurs~~
déjà un peu désabusé
~~n'est plus comme dans la jeunesse le but nécessaire vers lequel tend~~
l'on doit* ~~sa~~
l'amour, où ~~on sait~~ se contenter d'être amoureux pour le plaisir de
sans trop, sachant exiger à/de réciprocité
l'être ~~et à ce rapprochement des cœurs n'était plus comme dans la première~~
~~jeunesse le but nécessaire vers lequel tend l'amour~~ ~~il a~~ [ill] que
~~et à~~ ~~sa~~
des désirs physiques doivent être à sa base, ~~le~~/Ce rapprochement des cœurs q

O que podemos observar nessa nova campanha de escrita? O trecho do verso traz, não apenas as condições nas quais o encontro ocorreu, as razões pessoais para que o amigo de Swann promovesse o encontro, como também as primeiras impressões que Swann teve de Odette, seguidas de algumas considerações mais gerais, feitas pelo narrador, sobre a existência de uma relação entre tipos de beleza e a preferência do observador. Isto é, no processo de reescrita, observamos a justaposição das perspectivas de Swann, do amigo de Swann e do próprio narrador, de modo a criar uma imagem complexa do primeiro encontro de Swann com Odette que parece pedir a participação ativa do leitor na compreensão desta justaposição. Assim, tanto no plano macro como micro estrutural é possível pensar o problema da forma e de seus efeitos potenciais.

Esses são alguns dos caminhos que vejo para a incorporação de questões de leitura na crítica genética. Mas qual a relevância desta incorporação? Em primeiro lugar, parece fundamental que haja alguma coerência entre áreas do conhecimento tão próximas como a teoria literária e a crítica genética. Essa coerência, por sua vez, colocaria os estudos genéticos em diálogo direto com questões cujo interesse vai além dos estudos de casos particulares, ampliando o escopo da área que já foi criticada, por exemplo, por sua excessiva especialização devido, em grande parte, ao trabalho hercúleo de datação, montagem, transcrição e análise de pesados dossiês¹⁹. Essa excessiva especialização estaria na base do pouco impacto que os estudos genéticos têm exercido nas áreas dos estudos literários, como a crítica ou a história literária.

Um primeiro passo para a crítica genética se fazer ouvir nessas outras subáreas dos estudos literários parece passar, portanto, pela incorporação de questões amplas, como é o caso da leitura e da ficcionalidade, posto que são questões centrais de qualquer reflexão sobre a literatura.

Agradecimento

Agradeço à Fapesp pelo financiamento para a realização desta pesquisa.

¹⁹ Ver FALCONER, G. Où sont les études génétiques littéraires. *Texte – revue de critique et théorie littéraire*, Toronto, n.7, Les Éditions Trintexte, 1988, pp. 267-286.

Referências Bibliográficas

- ECO, U. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FALCONER, G. Où sont les études génétiques littéraires. *Texte – revue de critique et théorie littéraire*, Toronto, n.7, Les éditions Trintexte, 1988, pp. 267-286.
- HAY, L. Critiques de la critique génétique, *Genesis*, Paris, n.6, Jean Michel Place, 1994.
- ISER, W. *The act of reading*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1984.
- _____. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- JAUSS, H.R. “Production et réception: le mythe des frères ennemies”. IN : HAY, L. (org.) *La naissance du texte*. Paris : Jose Corti, 1989.
- LEBRAVE, J.L. “Crítica genética – uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia?”. In: ZULAR, R. (org.) *Criação em Processo*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 97- 146.
- LEJEUNE, P. *La mémoire et l’oblique*. Paris: P.O.L, 1991.
- PEREC, G. *W ou le souvenir d’enfance*. Paris: Denoel, 1976.
- PINO, C. A.; ZULAR, R. *Escrever sobre escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PROUST, M. Cahier 15, NAF 16655.
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6000481h.r=NAF+16655.langFR>
- PUGH, A. *The growth of A la recherche du temps perdu – a chronological examination of Proust’s manuscripts from 1909 to 1914*. Toronto: Toronto University Press, 2004. 2 vols.

Recebido em: 14 out. 2015

Aprovado em: 8 nov. 2015